

## Prefácio

Graziela Zambão Abdian

**Como citar:** ABDIAN, Graziela Zambão. Prefácio. *In:* NASCIMENTO, Paulo Henrique Costa. **Por uma cartografia da política e gestão educacional no Brasil.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p.13-18. DOI:  
<https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-511-7.p13-18>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## PREFÁCIO

---

Pensamos que a construção de cada escola, mesmo imersa num movimento histórico de amplo alcance, é sempre uma aversão local e particular neste movimento [...] É uma trama em permanente construção que articula histórias locais – pessoais e coletivas –, diante das quais a vontade estatal abstrata pode ser assumida ou ignorada, mascarada ou recriada, em particular abrindo espaços variáveis a uma maior ou menor possibilidade hegemônica. Uma trama, finalmente, que é preciso conhecer, porque constitui, simultaneamente, o ponto de partida e o conteúdo real de novas alternativas tanto pedagógicas quanto políticas (ROCKWELL; EZPELETA, 2007).

A transcrição do trecho de Rockwell e Ezpeleta (2007) me proporciona iniciar esse Prefácio de forma metafórica e também fiel aos dizeres das autoras.

Em relação à primeira forma, destaco que este livro é o coroamento de um projeto acadêmico e de vida do jovem autor, iniciado entre os anos 2011 e 2012 quando ele cursava o segundo ano de licenciatura em Pedagogia e assistia às minhas aulas da disciplina “Administração educacional: teoria e prática”, problematizando aspectos que até aquele momento me pareciam sedimentados. “Existe apenas essa forma de narrar a história da Administração Educacional?” talvez tenha sido a questão chave que nos fez iniciar uma relação de orientação com a integração do ainda graduando no Centro de Estudos e Pesquisas em Administração Educacional (CEPAE) e a construção de seu primeiro problema de pesquisa, a qual

<https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-511-7.p13-18>

foi realizada com bolsa CAPES, advinda de minha participação em uma pesquisa interinstitucional do Observatório da Educação. Com a epígrafe, quero destacar que a construção da relação de cada orientação (escola) é única, é uma “trama” que articula cada particularidade, com suas histórias pessoais, que “é preciso conhecer” porque constitui o “conteúdo real” de alternativas. Especialmente esta construção social – quase 12 anos de orientação – consolidou uma amizade por meio da qual estamos, constantemente, aprendendo um com o outro a lidar com nossas angústias, dificuldades e conquistas cotidianas. Portanto, não me resta dúvidas de que ela é parte da obra que se apresenta ao leitor.

Referente à segunda forma, posso dizer que este breve artigo das autoras apresenta um conteúdo relevante que nos acompanhou ao longo deste percurso, justamente por elas se colocarem em um lugar que o autor deste livro me levou com ele: como dar conta da análise da escola com perspectivas que a reduzem a uma face? O que se encontra fora da teoria ou é por ela apagado/a? Ou, até mesmo, pelo motivo de as autoras compartilharem conosco aquilo que Paulo questiona no início de seu texto: “O que seria de nós se não fossem as crises?”

Desde o início da graduação, Paulo apresentou-me problematizações de cunho epistemológico, por isso, após transcorridos quase 12 anos de estudo, ele não escreve um livro de leitura simples e muito menos o que costumeiramente encontramos a respeito de Política e Gestão Educacional em materiais acadêmicos. No entanto, indica-nos problemas epistemológicos sobre os quais temos de nos debruçar como pesquisadores e profissionais da Educação se quisermos, de alguma forma, avançar na produção do conhecimento.

Dando continuidade às suas pesquisas de iniciação científica e de mestrado, as quais problematizaram, com referencial pós-crítico, respectivamente, uma possível proposta de paradigma multidimensional da Gestão Educacional e os elementos contidos na história do conhecimento em Administração Escolar no Brasil que se configuraram como regra de construção e impediram um olhar crítico sobre si, o autor tinha como ponto de partida da escrita desta obra, além do desconforto em relação às regras que constituíram o conhecimento e o impediram de expandir seus contornos, o desejo de materializar uma ferramenta metodológica que possibilitasse aos pesquisadores “ir a campo para construir, junto ao cotidiano, novas formas de enxergá-lo e novos conceitos de gestão, de educação, de política, da função do diretor, da composição com a comunidade, ou também que estes desaparecessem ou dessem lugar às novas ideias – isso sem contar às novas formas de se fazer pesquisa e de trabalhar em conjunto com outros pesquisadores”.

Entretanto, a “trama do cotidiano” ou a “construção social” da pesquisa deu lugar ao acontecimento: o pesquisador deixou-se ser presenteado pela problemática de sua inserção no contexto da produção do conhecimento em Política e Gestão Educacional e isso o fez como real campo de sua investigação. Contextualizada no âmbito das problemáticas centrais que constituem a história do conhecimento em Política e Gestão Educacional e no recente referencial pós-crítico sendo construído no CEPAE, o autor teve como objetivo central do livro analisar as regras de formação em Política e Gestão Educacional, a forma que se constituem e operam na história desse conhecimento, impedindo-o de avançar em outras direções. A ideia central foi executar, com subsídios metodológicos da cartografia esquizoanalítica de Deleuze e Guattari, um trabalho que

desenhasse linhas de fuga na composição de uma nova perspectiva na área. O autor apresenta o livro organizado em três capítulos.

No primeiro capítulo, considero que Paulo inova sobremaneira na forma de contemplar o lugar, a forma e a função da metodologia na pesquisa e constrói uma trama singular de análise ao estabelecer uma condição de reciprocidade e revezamento entre a Cartografia esquizoanalítica (sua ferramenta conceitual) e o conhecimento e Gestão Educacional (seu objeto de estudo). Para isso, inicialmente, ele busca nos fundamentos da ideologia que conduz as discussões sobre a Política e Gestão Educacional “o lugar onde ela toca e faz aparecer os processos de subjetivação como modo de operar a visão de mundo e as práticas de pesquisa”, sendo a consequência desse desenvolvimento é a inserção do pesquisador em um lugar de completo desconforto, onde pode se reconhecer não mais como uma figura vanguardista, mas como próprio objeto de desejo da ideologia. Posso dizer, então, que além de me levar com ele para o lugar do desconforto teórico-metodológico, o leitor que mergulhar na leitura dessa densa obra, em especial, deste primeiro capítulo, será conduzido a esse lugar.

Após encerrar o primeiro capítulo com o delineamento da cartografia esquizoanalítica como alternativa estrategicamente flexível de análise crítica em relação à metodologia do trabalho científico, o autor é conduzido por ela na leitura da trajetória da área buscando nas perspectivas que foram delineadas historicamente – empresarial e democrática – os elementos comuns que permitiram sua edificação e consolidação. Ao identificar as “linhas flexíveis”, “linhas duras”, a “periferização” e as “linhas de fuga” nas perspectivas de Política e também de Gestão, o segundo capítulo mostra que “existe um movimento que garante a sua especificidade de modo que esta sustente uma diferença fora de cada uma”, mas, ao mesmo tempo, há

elementos que não garantem essa sustentação dual. A principal consequência revelada pela análise é a proposição ao leitor de uma problemática seguida de novos encaminhamentos: como construir conhecimento sem lavar em conta a dualidade e a função que ela vem exercendo na pesquisa e nos pesquisadores? Não posso deixar de evidenciar outra problematização proposta na análise que é a divisão entre Política e Gestão, como própria ao movimento dual, e sua consolidação histórica que vem tratando a segunda como meio (ou mediação) para execução da primeira. O resultado dessa análise é o entendimento que o autor traz de que a Política e a Gestão formam uma área do conhecimento que não precisa ser dividida, daí a composição do título da obra.

O livro é finalizado com a proposta de um terceiro capítulo brilhante. Tendo como material de análise um estudo de caso etnográfico realizado com o suporte teórico de uma das perspectivas teóricas (PARO, 1987; PARO, 2000), Paulo analisa o conteúdo teórico e seu movimento de ir a campo, considerando que a função do conhecimento “foi a de aludir propostas para os problemas educacionais muito mais para se manter e estender sua legitimidade, conduzindo obstáculos para sua diferenciação, do que de fato para resolvê-los.” De forma coerente com seu referencial, o autor indica os limites de sua análise ao evidenciar que não foi possível “realizar uma cartografia em sua completude” principalmente porque o trabalho de campo que poderia possibilitar uma inversão ou conversão dos dados teóricos ainda não aconteceu. No entanto, de forma potente aponta novos horizontes de pesquisa que, sem dúvidas, passam pela escola como produtora desse conhecimento.

Ao questionar os modos de se fazer pesquisa e de se relacionar com a escola como objeto de estudos, o conjunto dos três capítulos coloca o problema de como as instituições e suas práticas legitimam a

forma de fazer pesquisa (produção do saber) e sua relação de poder com a escola, impossibilitando seu questionamento e sua consequente modificação para o avanço do conhecimento. A leitura desta obra em sua integridade não tem como não desestabilizar o profissional/pesquisador da Educação no sentido de provoca-lo a repensar seu lugar e sua função.

Todos esses anos de construção social do cotidiano de pesquisa com o autor foram, talvez, um dos melhores encontros que tive na universidade. Por isso, convidar o leitor a mergulhar nesta construção de pesquisa que agora se apresenta em livro é compartilhar esse encontro e, também, presentear-los com um rigoroso trabalho teórico-metodológico, tão raro na atualidade acadêmica que vivenciamos cotidianamente.

*Graziela Zambão Abdian*

Dezembro de 2023